



SEÇÃO: ARTIGOS

“Aí vai meu coração para você”: sociabilidades intelectuais modernistas na correspondência de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral

“Here goes my heart for you”: modernist intellectual sociability networks in the correspondence of Mário de Andrade and Tarsila do Amaral

Giuseppe Roncalli

Ponce Leon de Oliveira¹

orcid.org/0000-0003-0374-3355

giuseppedeoliveira@gmail.com

Maria Leticia Costa

Vieira¹

orcid.org/0000-0002-7347-2477

lcosta3007@gmail.com

Recebido em: 10 maio 2021.

Aprovado em: 23 jun. 2021.

Publicado em: 05 ago. 2021.

Resumo: O presente estudo analisa a correspondências estabelecida entre Mário de Andrade e Tarsila do Amaral, durante os anos de 1922 a 1940. As trocas epistolares, as redes de sociabilidades intelectuais modernistas, fazem parte de todo um conjunto de acontecimentos nos entremeios da história. O presente estudo possibilitou entender aspectos referentes ao debate estabelecido sobre o Movimento Modernista, observando a vida privada de seus precursores, e os diálogos e trocas que foram interpelados.

Palavras-chave: Correspondências. Intelectuais. Modernismo.

Abstract: The present study analyzes the correspondences between Mário de Andrade and Tarsila do Amaral, during the years 1922 to 1940. The epistolary exchanges, modernist intellectual sociability networks, are part of a whole set of events in between history. The present study made it possible to understand aspects related to the debate established about the modernist movement, observing the private life of your precursors, and the dialogues and exchanges that were addressed.

Keywords: Correspondences. Intellectuals. Modernism.

Introdução

Durante um longo período na história as correspondências foram o principal meio pelo qual as pessoas se comunicavam, contavam sobre suas vidas, seus trabalhos, seus amores, suas experiências. As cartas eram verdadeiros instrumentos de sociabilidade. A correspondência comporta trocas de ideias, elaboração de projetos, sela pactos, expõe polêmicas, fixa rupturas. “Pode-se detectar por meio dela as intrincadas redes de relações sociais que reúnem os seus autores” (MALATIAN, 2011, p. 208).

As trocas epistolares, as redes de sociabilidades intelectuais modernistas, fazem parte de todo esse conjunto de possibilidades que as correspondências oferecem, nelas observamos os movimentos feitos em meio aos acontecimentos nos entremeios da história. O contexto histórico e político em que essas trocas foram articuladas nos coloca em contato com um emaranhado de redes intelectuais e intenções políticas.

Entre o período do recorte temporal das cartas que analisamos no presente artigo, que se conformam entre 1922 e 1940, existe uma



¹ Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, Brasil.

atmosfera política arraigada com influências referentes ao Estado Novo e aos seus objetivos ideológicos, Estado autoritário que buscava diferentes formas de controle social. Grecco (2015) compreende que:

Para a consolidação desse regime, era necessário ter a cooperação de grupos de intelectuais que pudessem exercer uma influência importante dentro do regime, e que carregassem argumentos políticos e ideológicos para lançar um novo discurso e uma nova política cultural. [...] a partir do final do século XIX, houve uma mudança substancial: intelectuais começaram a contribuir para o jogo das paixões políticas. Dessa forma, tornaram-se agentes políticos, capazes de intervir nos assuntos sociais por meio de sua participação nos aparatos ideológicos do Estado (GRECCO, 2015, p. 49, tradução nossa).²

Getúlio Vargas, buscou em seu governo justificativas para as ideologias do Estado Novo e enxergou nos intelectuais de diferentes correntes de pensamento oportunidade para alcançar diferentes lugares sociais. Dentre os intelectuais que ensinaram o Movimento Modernista e a Semana de Arte Moderna, e que compõem o "grupo dos cinco", encontramos a participação de alguns dos seus integrantes, tais como Mário de Andrade e Menotti Del Picchia.

A partir das redes de sociabilidade intelectual, formadas por Mário de Andrade e outros intelectuais, o governo getulista identificou caminhos para realizar seus projetos de Estado, unidade nacional e busca pela verdadeira brasilidade.

A defesa do papel dos intelectuais como atores-promotores do processo de mudança social foi um componente predominante do projeto do Estado. [...] Assim foi configurada a grande ambiguidade e complexidade do regime getulista, que incorporou intelectuais de tendências ideológicas distantes – os modernistas, comunistas, liberais ou integralistas

– que trabalharam lado a lado em favor da construção de um projeto de Estado nacional (GRECCO, 2015, p. 52, tradução nossa).³

Através do Movimento Modernista e de outras correntes, o Estado Novo buscou símbolos que poderiam ajudar em seus fundamentos políticos, as racionalizações a respeito da organização política do Estado e do regime, como as produções com ideias nacionais e o conceito de brasilidade, já que em algumas dessas correntes a busca por uma identidade nacional era um dos principais focos de produção, dando visibilidade para as construções artísticas e literárias desses grupos de intelectuais.

Vargas usou um conjunto de fundamentos pertencentes aos verde-amarelos (como a visão chauvinista, sua ideia de nacionalidade e o conceito de brasilidade) e, consequentemente, intelectuais modernistas passaram a ser considerados como os indivíduos mais capazes de reconhecer a verdadeira cultura nacional do Brasil (GRECCO, 2015, p. 53, tradução nossa).⁴

Uma importante rede de sociabilidade que se consolidou durante o Estado Novo foi a rede em torno do ministro da Educação entre 1934 e 1945, Gustavo Capanema. Para o ministro, a colaboração dos escritores modernistas era fundamental em seu projeto, considerava que "o livro foi a criação mais poderosa do gênio humano" (GRECCO, 2015, p. 57, tradução nossa).⁵ Dessa forma, compreendemos que

Os diferentes grupos de intelectuais que participaram da burocracia estatal colaboraram com o Estado Novo exercendo sua influência no campo cultural e ajudando o regime a sustentar um único projeto ideológico. [...] Nesse sentido, os intelectuais brasileiros reivindicaram seu papel como guias do nacional, passando a exercer sua obra poética-literária

² Do original: Para la consolidación de un régimen de estas características, se necesitó contar con la colaboración de grupos de intelectuales que pudiesen ejercer una influencia importante dentro del régimen, y que comportiesen argumentos políticos e ideológicos para poner en marcha un nuevo discurso y una nueva política cultural. [...] a partir de finales del siglo XIX, se produjo un cambio sustancial: los intelectuales pasaron a contribuir al juego de las pasiones políticas. De este modo se tornaron agentes políticos, capaces de intervenir em los asuntos sociales por medio de su participación em los aparatos ideológicos del Estado.

³ Do original: La defensa del papel de los intelectuales como actores-impulsores del proceso de cambio social fue um componente predominante del proyecto de Estado. [...] Así se configuró la gran ambigüedad y complejidad del régimen getulista, que incorporó a intelectuales de distantes tendencias ideológicas – los modernistas, comunistas, liberales o integralistas – que trabajaron mano a mano em favor de la construcción de um proyecto de Estado nacional.

⁴ Do original: Vargas utilizó un conjunto de fundamentos pertenecientes a los *verde-amarelos* (como la visión chauvinista, su idea de nación y el concepto de *brasilidad*) y, por consiguiente, los intelectuales modernistas pasaron a ser considerados como los individuos más capacitados para reconocer la verdadera cultura nacional de Brasil.

⁵ Do original: el libro era la más poderosa creación del gênio humano.

dos domínios do Estado (GRECCO, 2015, p. 60, tradução nossa).⁶

Por sua vez, em sua rede de correspondências, Mário de Andrade torna possível observar o encontro com outros personagens, que conduz na direção de tramas de sociabilidades vitais para esse intelectual, assim como nos deixa a par do contexto histórico e político em que foram escritas as suas cartas. Mário foi poeta, escritor, crítico literário, jornalista e um dos principais expoentes da cultura brasileira, a partir do Movimento Modernista brasileiro, se inscreveu como um verdadeiro amante do Brasil e incentivou muitos outros intelectuais, escreveu muito e para muita gente, "Mário teve inúmeros destinatários: amigos, escritores, artistas plásticos, políticos, músicos etc. Seu epistolário chega perto de oito mil cartas, isto sem dizer daquelas que se destruíram ou foram destruídas" (RODRIGUES, 2010, p. 1).

Em suas cartas encontra-se um ser humano sensível, que procurava cativar e respeitar a intimidade do outro. De forma que, preservou essas correspondências, e deixou como pedido que as cartas só fossem abertas para o público após cinquenta anos de sua morte, com a intenção de preservar seus interlocutores. O que denota dois fatores importantes sobre sua personalidade, primeiro que ele sabia da importância dessas missivas para a história do Brasil, portanto, as guardou, e segundo ele entendia a cena que estava em jogo ao abrir suas particularidades para o público em geral. Sobre Mário e suas correspondências pode-se dizer que:

concordamos com Marcos Antonio de Moraes (1997), quando afirma que a epistolografia, em Mário de Andrade incorpora limites didáticos e o professor faz da carta instrumento de ensino. O pedagogo é o doutrinador paciente dos colegas de geração, oferecendo o conhecimento técnico e ideológico das tendências modernistas, assimilados nos livros e revistas europeias. Depois, lia atenciosamente tudo o que lhe enviavam os moços de outras gerações, procurando-o com poemas, romances ou apenas partilhando com ele indecisões diante da vida. Mário se impunha como intelectual que

não empregava o tom altíssimo e pedante dos 'igrejos' para compartilhar o saber (MORAIS, 1997, p. 186 apud OLIVEIRA, 2019, p. 42).

Ao escolher as correspondências de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral para estudo, pretendeu-se analisar suas escritas e verificar a rede estabelecida entre esses intelectuais em movimento, construção viva de cultura e de entrega. Tarsila, assim como Mário, foi uma das personalidades mais destacadas entre os modernistas brasileiros, as obras da artista buscaram a representação da identidade nacional, assim como as de Mário. Pintora renomada mundialmente, artista reconhecida por ser autêntica e sensível, aos olhos de Mário seria:

Esse [...] o mérito essencial da pintura de Tarsila. O que mais admira nela, porém, é que conseguindo essa psicologia nacional na sua técnica ela não tenha prejudicado nem um pouquinho a essência plástica que a pintura requer pra ser pintura. Isso é extraordinário. Num equilíbrio admirável entre expressão e realização formal, ela prova bem o que pode uma imaginação criadora a serviço duma cultura inteligente e crítica (ANDRADE, 1927 apud AMARAL, 2001, p. 131).

Nas cartas escritas pela pintora do *Abaporu* (1928) para Mário, encontram-se duas "Tarsilas", a primeira, um pouco retraída, pontual em sua escrita, reservada ao que deveria ser dito. O que fez perceber a existência de um terceiro interlocutor, o seu então companheiro, Oswald Andrade, que demonstrava ciúmes sobre a relação de amizade que existia entre Tarsila e Mário. E uma segunda Tarsila, mais aberta, espontânea e carinhosa, após seu término de casamento, já em outro relacionamento com o médico e intelectual socialista Osório César.

Ultrapassando as fronteiras do profissional, as cartas trocadas por Mário de Andrade e Tarsila do Amaral oferecem um contato direto com algumas das questões mais candentes que impulsionaram os artistas do período e as relações pessoais dos dois intelectuais. Pretende-se, aqui, trabalhar com essas relações do privado, convidando a compreender que:

⁶ Do original: Los diferentes grupos de intelectuales que participaron de la burocracia estatal colaboraron con el Estado Novo ejerciendo su influencia em el campo cultural y ayudando a que el régimen sustentara um proyecto ideológico sólido. [...] En este sentido, los intelectuales brasileños reivindicaron su papel de guías de lo nacional, pasando a ejercer su labor poético-literaria desde los dominios del Estado.

A atração e a amizade e, *a contrário*, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo. Isto, alguns poderão objetar, se aplica a toda microssociedade. Mas, de um lado, esse peso da afetividade adquire uma significação específica, num meio teoricamente colocado sob o signo da clarividência, e cuja garantia, aos olhos do resto da sociedade é saber jugular as suas paixões a serviço exclusivo da Razão. De outro lado, a imbricação das tensões devidas aos debates de ideias e desses fatores e afecções desemboca talvez, em alguns casos, numa patologia do Intelectual (SIRINELLI, 2003, p. 250, grifo nosso).

Este estudo auxilia a pensar sobre a vida privada desses intelectuais, de forma singular, refletindo sobre a rede de sociabilidade intelectual para além do meio profissional, estendendo-se a relação de amizade que Mário e Tarsila cativaram e mantiveram por longos anos. Tomou-se, por fim, as cartas dos respectivos intelectuais modernistas como lugar de encontro, de registro profundo da vida, das emoções e do feitiço presente no ato de escrevê-las (GOMES, 1998, p. 121-127).

Ao adentrarmos na intimidade de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral, efetuando a leitura e análise de suas missivas, entendemos a importância das correspondências para o estudo histórico e escrita historiográfica. Nas cartas, encontramos o arquivo da vida desses personagens, fundamentais para a história, as suas intenções, os seus medos, as suas emoções e sensibilidades, pois as trocas epistolares conseguem "Dar forma linguística aos medos, ao que cria o sofrimento psíquico transforma a emoção negativa, dá objetividade e abre a possibilidade de compreensão" (HÉGÉLE, 2018, p. 282, tradução nossa).⁷

1 de Mário para Tarsila e de Tarsila para Mário: amizade em construção

Em suas missivas, Mário utilizava de diferentes formas para expressar seus posicionamentos e sentimentos, tornando possível perceber a relação de amizade existente entre ele e Tarsila do Amaral, ao fazer referência à sua partida em viagem para Paris, em janeiro de 1923, descreve-a de forma

poética, como Nêmesis, revelando que o deixou em desgraça com a sua repentina partida "Creio que és uma deusa: NÊMESIS, senhora do equilíbrio e da medida, inimiga dos excessos. [...] És Nêmesis, sem dúvida. Eu era são. Alegre, confiante, corajoso. Mas Nêmesis aproximou-se de mim, com seu passo lento, muito lenta. Depois partiu" (ANDRADE, 1923 apud AMARAL, 2001, p. 57).

Passava apenas um ano que Mário e Tarsila se conheciam no período de escrita dessa carta. Anita Malfatti foi a responsável por unir esses dois grandes intelectuais. O grupo dos cinco entrou em contato graças a essa apresentação, após a Semana de Arte Moderna em 1922. Anita apresenta Tarsila aos outros três integrantes do grupo, Mário de Andrade, Oswald Andrade e Menotti Del Picchia.

A partir desse encontro, outros encontros foram primordiais para a construção da identidade e da essência do Movimento Modernista brasileiro. Os cinco faziam reuniões, discutiam sobre brasilidade, declamavam poemas, falavam sobre conceitos e projetos futuros. Em 1922, encontramos a primeira carta de Tarsila para Mário, já a bordo do Lutetia, fazendo referência sobre sua estada em São Paulo e ao grupo de novos amigos, que segundo a própria Tarsila, era um "grupo de doidos em disparada por toda a parte no Cadillac verde de Oswald" (AMARAL, 2001, p. 51).

Já nessa primeira carta, encontram-se os primeiros passos de uma rede de sociabilidades permeada de amizade e favores, em que Tarsila faz menção a um Picasso que arranjará para Mário, como veremos:

O teu quadro encomendado já está de antemão arranjado. Vou dizer-te como: fiz a bordo conhecimento com o representante da Galeria Georges Petit no Rio. Trata-se de um expert de tableaux, um senhor muito gentil e inteligente, profundamente conhecedor de pintura, conhecendo também o mundo das artes em Paris. Prometeu-me arranjar um Picasso em ótimas condições, de maneira que podes contar com ele muito breve (AMARAL, T., 1922 apud AMARAL, A., 2001, p. 51).

Essa relação amigável, o carinho e a troca de favores, ideias e projetos, se estabeleceram du-

⁷ Do original: Dar forma linguística a los miedos, a lo que crea sufrimiento psíquico transforma la emoción negativa, le da objetividad y se abre la posibilidad de comprensión.

rante todo o momento, como pode-se perceber nas cartas entre Mário e Tarsila no decorrer do estudo. Esse tipo de relação entre os intelectuais acaba remetendo à compreensão de que:

todo grupo de intelectuais organiza-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar (OLIVEIRA *et al.*, 2017, p. 89).

São essas redes de sociabilidade, que acabam por fazer entrar em contato com partes importantes que só a partir do estudo por meio do privado, dos contatos ou rupturas, do íntimo que as correspondências permitem tocar, pode-se ressignificar a história, reescrevê-la a partir de outro ângulo, de forma privilegiada (OLIVEIRA, 2017).

Em 1923, observa-se um afastamento de Tarsila na escrita de missivas para Mário, tal atitude é compreensível em uma sequência de três cartas enviadas de Mário para sua amiga, em que ele solicitava resposta:

Querida amiga.

Essa é a terceira carta que te escrevo. Ficará ainda sem resposta? Sei que te modernizas cada vez mais. Contou-me o Oswald que é agora amiga de Lhote e Juan Gris... Bravo! Mas não te esqueças que ser modernista não implica o esquecimento dos amigos! Escreve-me alguma coisa. Conta-me de ti. Teus projetos, anseios, vitórias. Sabes perfeitamente quanto me interessa qualquer coisa que te diga respeito. Sei que trabalhas muito. Que fazes. Manda-me um desenho teu. Queres? Será uma correspondência originalíssima. Tu com desenhos, eu com poemas. [...] (ANDRADE, 1923 apud AMARAL, 2001, p. 64).

A carta acima, direcionada à Tarsila do Amaral, remonta um cenário que até os anos 1929 é perceptível, dentro das trocas de correspondências de Mário e Tarsila, essa ausência de detalhes, a escrita ou falta de escrita de Tarsila. Não se sabe se era por influência do futuro companheiro Oswald, sabendo que mantinham contato em Paris, como se referiu Mário em carta, ou apenas por estar encantada e ocupada com novos trabalhos.

Porém, ao ler essa carta, percebe-se o carinho que Mário cativou por Tarsila, um nítido despeito

sobre as novas amizades de Tarsila em Paris e a intenção de permanecer em contato com a pintora. Mário, ao escrever "*sabes perfeitamente quanto me interessa qualquer coisa que ti diga respeito*", evidencia tamanha admiração por sua amiga, e mais, abre espaço para "*uma correspondência originalíssima*", com trocas de desenhos e poemas, pontos-chave de uma longa rede de sociabilidade. Sobre esse movimento carinhoso, considera-se que "Nas suas cartas, Mário sempre dedicava algumas linhas para enaltecer o carinho que sentia pela amiga. Até mesmo nas cartas que reclamavam das atitudes desconcertantes de Oswald, parece mesmo que Tarsila estava 'isenta' de tais desafetos" (RODRIGUES, 2010, p. 3).

Ao longo das missivas entre Tarsila e Mário, observa-se um Mário atencioso, com cede por detalhes sobre os colegas que estavam em Paris, sempre disposto a diálogos sobre as obras da amiga e os caminhos que ela pretendia percorrer. As cartas, cheias de ironias, brincadeiras, analogias e contextos dos mais variados remontam essa amizade.

Compreende-se que as redes de sociabilidades se fazem enquanto teia que ao mesmo tempo que se molda pelo meio também interfere na formação das identidades desses sujeitos. Faz parte da nossa missão enquanto historiador "sobretudo, tentar destrinchar a questão das relações entre as ideologias produzidas ou veiculadas pelos intelectuais e a cultura política de sua época" (SIRINELLI, 2011, p. 261).

Em outro momento, localizou-se uma carta cheia de humor, ironia e amizade, em que Mário brinca com seus amigos que "*se parisianizaram*", em 15 de novembro de 1923. A carta em questão, tem um "tom de modernismo em suas páginas", Mário provocava sua amiga, criticava os seus novos amigos que conheceu em Paris novamente, fazendo trocadilhos e a instigando sobre o verde da mata-virgem no Brasil, assim como se mostra sempre afetuoso no que diz respeito a pintora.

Para além do que já foi dito no parágrafo anterior, observou-se provocações, e um tom de manifesto, coroado com o nome de "matavirgismo", quando o próprio Mário se intitulava o "pai-do-matavirgismo". Ficou nítida a preocupação de

Mário com relação as tendências que os colegas bebem da fonte em Paris, assim como sugeriu que Tarsila voltasse para o Brasil, para a mata virgem, alegando que era do matavirgismo que a arte, o Brasil e ela precisava, como é possível visualizar na transcrição:

15 de novembro de 1923 – Viva a República!

Tarsila, minha querida amiga:

Cuidado! Fortifiquem-se bem de teorias e desculpas e coisas vistas em Paris. Quando vocês voltarem, teremos briga, na certa. Desde já, desafio vocês todos juntos, Tarsila, Oswald, Sérgio para uma discussão formidável. Vocês foram a Paris como burgueses. Estão épatés. E se fizeram futuristas! Hi! Hi! Hi! Choro de inveja. Mas é verdade que considero todos uns caipiras em Paris. Vocês se parisianizaram na epiderme. Isso é horrível! Tarsila, Tarsila, volta para dentro de ti mesma. Abandona o Gris e o Lhote, empresários de criticismos decrépitos e de esteias decadentes! Abandona Paris! Tarsila! Tarsila! Vem para a mata-virgem, onde não há arte negra, onde não há também arroios gentis. HÁ MATA VIRGEM. Criei o matavirgismo. Sou matavirgista. Disso é que o mundo precisa, a arte, o Brasil e minha queridíssima Tarsila precisam. Se vocês tiverem coragem venham cá, aceitem meu desafio. E como será lindo ver na moldura verde da mata, a figura linda, renascente de Tarsila Amaral. Chegarei silencioso, confiante e te beijarei as mãos divinas.

Um abraço muito amigo do Mário (ANDRADE, 1923 apud AMARAL, A., 2001, p. 78).

A carta acima, datada em 15 de novembro de 1923, é um registro sincero que afirmou a rede de sociabilidade existente entre os modernistas. Mário, em meio as suas ironias, permeou lugares sensíveis do modernismo brasileiro, provocando e solicitando aos seus amigos o exercício de brasilidade em suas produções artísticas.

A partir de então, percebe-se a continuação do afastamento de Tarsila na ausência de respostas e com breves cartões postais. Em 1924, localizou-se um desses cartões em que a pintora escreve "Mário, não se esqueça de mandar-me notícias suas e das brigas daí. Assim que chegar tratarei do quadro e procurarei a gravura de Segonzac. Tarsila" (AMARAL, T., 1924 apud AMARAL, A., 2001, p. 85).

Em resposta a esse postal de Tarsila, transcrito acima, Mário escreveu uma missiva longa, respondendo e alimentando a curiosidade da amiga. Essa troca de missivas convida a pensar o lugar

de Tarsila e o quanto seu relacionamento com Oswald interferiu em sua amizade com Mário. Compreendendo essas tensões, percebe-se que:

O Modernismo foi construído entre muitas divisões ideológicas, ocorrendo a criação de vários grupos com tendências e 'mentores' próprios. Nem sempre as relações entre esses diferentes grupos eram pacíficas, daí surgirem inúmeras intrigas entre os mesmos que nos permitem uma interessante visão dos relacionamentos entre esses artistas. Nas cartas trocadas entre Mário e Tarsila percebemos este 'clima' nem sempre amistoso, especialmente porque entra em cena a figura conturbadora de Oswald de Andrade (RODRIGUES, 2010, p. 5).

Observa-se que os percursos do Movimento Modernista aconteceram nas cartas desses dois intelectuais, uma rede de sociabilidade permeada por sensibilidades foi construída. Ao pedir para Mário que lhe mande notícias das brigas, a pintora demonstrou interesse pelos últimos acontecimentos na intenção de se apropriar das rupturas e dos laços criados, e Mário, por sua vez, foi solícito em suas respostas:

São Paulo, 27 de setembro de 1924.

Tarsila

Chegaram os quadros. Recebi a comunicação do Ronald que eles já estão na casa dele. Assim acabaram-se os nossos cuidados e mais uma vez te agradeço de coração a infinita bondade que tiveste para comigo. Pedi ao Ronald que os guardasse por algum tempo até que eu os fosse buscar. Não quis expor às vicissitudes do nosso Correio. Que devo fazer dos teus? Guardá-los comigo até a tua próxima vinda ou mandá-los entregar em tua casa? Não farei nada sem letras tuas.

Aqui barulhos e discussões por causa da ópera nova do Mignone. Uns gostaram. Outros não. Dona Olívia gostou. Paulo Prado detestou. Eu estou muito perto de Dona Olívia embora reconheça as vulgaridades formidáveis do trabalho. Paulo e eu parecíamos dois fantasmas infernais gesticulando no saguão do Municipal. Consequência: os exageros. Paulo afirmou que o Mignone era uma besta; e eu era um gênio. A virtude dessa vez ainda está no meio.

E mais nada. Até breve, com uma sincera saudade do Mário de Andrade (ANDRADE, 1924 apud AMARAL, A., 2001, p. 85-86).

Como pode-se perceber, as cartas criaram uma rede de sociabilidade e os seus missivistas foram responsáveis por interligar os personagens, dar identidade a essa rede, instigando um contínuo

estímulo mútuo das discussões e notícias entre os intelectuais:

E nesse sentido, as cartas têm a função de mostrar que a produção do texto literário e de outros textos é, assim como a própria carta, um espaço de partilha. A carta é uma partilha não somente porque ela pertence a dois sujeitos, mas porque envolve sempre vários correspondentes indiretos, no momento mesmo de sua escrita. Esses correspondentes são nomeados diretamente, outros são insinuados, porém todos configuram uma rede de sociabilidade em que a carta é, muitas vezes, o único registro. Assim, a carta pertence também aos que partilham dela como fonte de pesquisa (OLIVEIRA *et al.*, 2017, p. 101-102).

Dessa forma, através das correspondências de Mário para Tarsila e de Tarsila para Mário, percebe-se a construção de uma amizade, permeada pelo modernismo, pelos encontros do grupo dos cinco, por ironias e brincadeiras e um profundo sentimento de respeito, carinho e atenção entre ambos.

2 Os Andrades se dividem: carta de ruptura e caminhos percorridos

Os modernistas viveram sob o signo das correspondências como via de acesso aos acontecimentos do mundo intelectual. Ao ler as missivas entre Mário de Andrade e Tarsila do Amaral, identificou-se um conjunto de personagens expoentes da cultura intelectual brasileira e da rede de sociabilidade constituída nesse período através das correspondências, essas que eram sempre avidamente esperadas, minuciosamente apreciadas, abertas e lidas com tamanha atenção e correspondidas de forma íntima.

O Movimento Modernista foi de fundamental importância para a literatura brasileira. "A partir dele que se consolidou aquilo que seus defensores chamam de verdadeira literatura nacional" (COELHO, 2018, p. 13). Tarsila, Anita, Menotti, Oswald e Mário deram início a algo magnífico e o estudo das trocas feitas por essas personagens acaba levando a ressignificar suas vivências:

É fato que a Semana de Arte Moderna representou uma guinada na literatura e nas artes plásticas, como meio de recuperação de um passado a ser redescoberto pelo olhar modernista, erigindo a tradição sob as tradições da novidade da forma, que foge da figuratividade

plástica e da rigidez da linguagem literária (OLIVEIRA, 2019, p. 28).

O movimento de escrever uma carta para outra pessoa, configura-se enquanto exercício de entrega e doação. Nas missivas percebeu-se o reflexo e a representação do real. Ao ler as cartas entre Mário e Tarsila, torna-se possível identificar um terceiro interlocutor, Oswald Andrade, que durante um tempo aparece de forma implícita e com o passar das trocas, de forma mais nítida, o que acaba interferindo na forma como essas cartas eram recepcionadas e respondidas pela pintora.

Em várias cartas, percebe-se atritos recorrentes, indiretas, ironias e uma constante nuvem de competição entre os dois Andrades (Mário e Oswald), que ultrapassavam o mundo intelectual. Ainda em 1923, localizou-se uma carta de Tarsila para Mário – posteriormente a pintora referiu-se a essa correspondência com tom de brincadeira –, porém, se percebe na resposta de Mário, que existe algo não dito nas entrelinhas. Como é possível perceber na carta de Tarsila:

Mário, meu caro amigo.

Escrevi ao Menotti uma carta terrível contra você. O Oswald logo que chegou fez tantas intrigas entre nós (a respeito da modernidade ocidental) que resolvi cortar relações com você. Mas vieram suas cartas, as suas irresistíveis cartas- knockout! [...] (AMARAL, T., 1923 apud AMARAL, A., 2001, p. 67 68).

Em resposta, Mário escreveu uma carta declarando tamanha tristeza e, a partir dessa carta, nota-se que havia intenções e percursos dentro da amizade existente entre Mário e Oswald. O motivo da primeira briga estava relacionado ao campo profissional, em que Oswald acusou Mário de favorecer um amigo em uma de suas críticas literárias, o que colocou em xeque o caráter de Mário enquanto intelectual, o que notou em sua resposta foi um profundo ressentimento e a tentativa de explicar a sua versão dos fatos, em resposta à carta anterior:

Querida amiga

Foi bom deixar que passassem dois dias depois do recebimento da sua carta, para te escrever. Já agora passou a primeira forte irritação que

me causou o procedimento do Oswald. Não me resta senão uma grávida tristeza (consolada, que hei de fazer!) de não ser compreendido nem pelos que vieram buscar na minha solidão para um convívio de amor. Não sei, nem quero imaginar o que te disse Oswald a meu respeito. Sei que não mentiria não é dele mentir. Mas sei também que exagerou. E muito. Mas quem não sabe que a imaginativa de Oswald é um microscópio [?!] [...] (ANDRADE, 1923 apud AMARAL, A., 2001, p. 72).

Posterior a essa primeira briga, como foi mencionado, aos poucos as cartas de Mário foram sendo respondidas de forma breve, ou ficaram sem respostas. Já em 1926, ano do casamento de Oswald e Tarsila, localizou-se uma carta de Mário destinada a "Tarsivaldo", o que demonstrava a consciência de que Oswald teria contato com essa carta. Mas, o que chama atenção, é que apesar da assiduidade de Mário, Tarsila não é recíproca.

A carta de 1929, por sua vez, foi a carta de ruptura entre Mário de Andrade e Oswald de Andrade. A gota d'água para Mário teria sido saber que Oswald de Andrade e seus seguidores teriam feito chacotas a respeito dele, o chamando de "Miss Macunaíma" e de "o cérebro mais confuso da crítica contemporânea", e assim, Mário, achou por bem cortar relações com o líder do movimento antropofágico, Oswald Andrade. Como percebe-se em carta:

São Paulo, 4 de julho de 1929

Tarsila

Espero que esta carta seja lida confidencialmente apenas por você e Oswald pois que só a você é dirigida.

[...]

Mas não posso ignorar tudo que foi feito na assistência dum amigo meu. Isso é o que me quebra cruelmente, Tarsila, e apesar de ser meu orgulho enorme, não tenho força no momento que me evite de confessar que ando arrasado de experiência.

Eu sei que fomos todos vítimas dum ventarrão que passou. Passou. Porém a árvore caiu no chão e no lugar de uma árvore grande, outra árvore tamanha não nasce mais. É impossível. Eu peço a vocês licença para cumprimentá-los quando nos encontrarmos. Assim como desta carta e do que a motiva ninguém saberá por mim, tenho certeza que corações nobres como os de vocês não-de-sentir esse pudor de não dar azo à que os outros façam de nós e dum passado tão lindo nosso, o assunto deles.

Peço mais que me recomende respeitosamente aos de sua família e enumero uma carícia toda especial a Dulce que no meu mundo faz parte do sol.

E para o porque afinal tudo isso é muito triste e pouco digno dos seus olhos e coração que só podem merecer felicidade

Respeitosamente Mário de Andrade (ANDRADE, 1929 apud AMARAL, A., 2001, p. 105).

Não é possível saber se houve resposta para essa carta que representa a separação e ruptura dos Andrades, como ele se refere "*a árvore caiu no chão e no lugar de uma árvore grande, outra árvore tamanha não nasce mais. É impossível*", mas o que podemos notar é que o carinho por Tarsila, mesmo em tom de tristeza, continua o mesmo. Após essa carta, no mesmo ano, Tarsila e Oswald se separam. Em 1931 encontramos um postal de Tarsila para Mário.

A partir do postal de 1931, a pintora já está em um novo relacionamento, com o médico Osório César, e conseguimos identificar as diferenças na correspondência entre Mário e Tarsila, antes e depois do terceiro interlocutor, Oswald Andrade. Através das cartas, remontamos a metamorfose pela qual Tarsila passou, o que nos faz compreender que:

os paradoxos das cartas são correlatos dos modos de produção de subjetividade do indivíduo moderno. Nesse sentido, elas são fontes fecundas para problematizarmos a produção de subjetividades nas sociedades intimistas e para apontarmos a fragilidade do eu moderno dotado de coerência e unidade. Além disso, a gramática da escrita epistolar e sua peculiaridade permitem capturar instantes fugidos, processos de metamorfose pessoal, momentos em que é possível visualizar vetores que conjugam simultaneamente momentos de desprendimentos de si e autoelaboração, que são realizados no espaço intersubjetivo da escrita epistolar e da amizade (IONTA, 2011, p. 94).

Em seu relacionamento com Oswald, em respeito a ele, Tarsila se retraiu na amizade com Mário, o ciúme do seu então companheiro, acabou por lhe impor limites. Quando ela se desvinculou de Oswald, pôde enfim retomar sua identidade carinhosa, espontânea e amiga para com Mário. Em seu relacionamento com Osório, observa-se sua transformação enquanto mulher e enquanto pintora. Ela aderiu a posicionamentos políticos de

esquerda junto ao novo companheiro e expressou isso em sua arte.

Entre os anos 1931 e 1940, enveredou-se por uma sequência de troca de cartas e postais, de Tarsila para Mário. Cartas repletas de informações, atualidades, notícias, afinidades e amizade. Os tratamentos sempre íntimos e ao final delas, palavras que denotavam saudades.

Foi possível perceber uma Tarsila que motivava a produção dos amigos, que incentivava as publicações e que fazia contatos no exterior que possibilitavam uma rede de sociabilidades que ajudava a disseminar o Movimento Modernista e a cultura brasileira pelo mundo. Como fica nitido:

Leningrado, 9 de julho de 1931.

Mário, é preciso que você envie suas obras com a máxima urgência para o sr. David Vigodsky, Mokhovaia, 9. Leningrad. pois este sr. está encarregado pelo governo soviético de escrever a história da literatura contemporânea hispano-americana para a grande enciclopédia soviética em preparação. Ele está a par da literatura Argentina. Do Brasil conhece somente alguns clássicos e entre os novos Guilherme, através de uma tradução espanhola, e Jorge de Lima. Peço a você também a favor de falar aos outros rapazes daí que mandem trabalhos. Por exemplo: Alcântara Machado, Menotti, etc. O seu livro foi entregue ao prof. Braude, da Universidade de Moscou (cadeira de história da música). Saudades de Osório.

Estamos sempre pensando em você. Ainda ontem fomos ao museu Russo onde vimos a mais rica coleção de ícones e dissemos: o Mário precisa ver isto.

Escreva para Paris dizendo quem mandou os livros perdidos. É urgente ponto em princípios de outubro deverão estar aqui ponto da minha janela, a Fortaleza de Pedro e Paulo (OSÓRIO; AMARAL, T., 1931 apud AMARAL, 2001, p. 112).

Em sequência, identificou-se duas correspondências de Tarsila para Mário, dois postais com detalhes sobre sua viagem pela União Soviética (URSS) e o sucesso da sua exposição, ressaltando que conseguiu novas músicas do folclore para Mário e falando sobre a sua pretensão de voltar em breve ao Brasil.

A todo momento, foi possível perceber nas correspondências dos dois intelectuais uma relação que ultrapassava a vida profissional. A amizade de Tarsila do Amaral e Mário de Andrade, em suas correspondências havia algo único, que

ajuda a ressignificar esses personagens ímpares para a história da cultura brasileira.

É possível entender os caminhos trilhados por essas duas mentes, e a forma como eles foram responsáveis por mostrar o Brasil e sua brasilidade por todo o mundo, dando identidade ao Brasil. A última carta escolhida para análise demonstra o carinho de Tarsila com Mário, já em 1940:

São Paulo, 20 de outubro de 1940.

Mário querido,

O seu artigo da Revista Acadêmica está ótimo. Não sei como agradecer. Adorei o 'tremelicando'.

Aí vai meu coração para você (AMARAL, T., 1940 apud AMARAL, A. 2001, p. 126).

"Aí vai meu coração para você", frase que representava a amizade construída por esses dois grandes intelectuais, e alimentada através das missivas. Tarsila do Amaral e Mário de Andrade, criaram uma rede de sociabilidade formada a partir da entrega, do respeito e ao fazer esse movimento acontecer, os dois acabaram por adquirir um lugar de representação um na vida do outro, seguros ao ponto de "enviar por carta", o próprio coração.

Considerações finais

Pensar nas missivas, a partir das sensibilidades nas correspondências, convida a pensar sobre a história que ocorreu, mas também sobre as possibilidades que não ocorreram, sobre os planos que não se concretizaram, ou sobre o que estava implícito no escrito e na leitura. Pode-se, portanto, pensar numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das ideias não vingadas (SEVCENKO, 1995 apud AVELINO, 2015 p. 4).

As trocas epistolares, e as redes de sociabilidades intelectuais modernistas, fazem parte de todo um conjunto de acontecimentos nos entremeios da história. Estudar as missivas de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral possibilitou interpretar os não ditos, as sensibilidades, as amizades, as intrigas, as idas e vindas, as continuidades e descontinuidades.

O estudo da correspondência de Mário e Tarsila fez navegar por águas que refletiram os conflitos

de uma amizade carregada de respeito e carinho, demonstrando que "a carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe" (OLIVEIRA, 2018, p. 571). Aqui foi possível entender como essas cartas atuaram na história e em seus correspondentes, compreendendo que "esta relação de amizade, [...], pode ser detectada e interpretada através das referidas correspondências, que ora apresentamos" (AVELINO, 2015, p. 2).

A amizade de Mário e Tarsila possibilitou esse encontro com essas múltiplas possibilidades e as cartas forneceram o contato com a formação e transformação pessoal e profissional desses intelectuais.

Dessa forma, o presente estudo possibilitou entender aspectos referentes ao debate estabelecido sobre o Movimento Modernista, observando a vida privada de seus percursores, e os diálogos e trocas que foram interpelados por intermédio de sua correspondência, o que justifica a importância dessas para os estudos historiográficos.

Referências

AMARAL, Aracy. *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. Org., Intro. e notas Aracy Amaral. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. (Coleção Correspondência de Mário de Andrade).

AVELINO, Y. D. O Ofício do Historiador Através das Correspondências: uma Relação Afetiva Entre Mário De Andrade E Tarsila Do Amaral. *Fênix - Revista De História E Estudos Culturais*, v. 12, n. 2, 2015. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/764>. Acesso em: 12 out. 2020.

COELHO, Edinaldo Gonçalves. *A busca da identidade nacional no modernismo brasileiro: Das palavras de Mário de Andrade às pinceladas de Tarsila do Amaral*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho. Disponível em: https://historiapt.info/pars_docs/refs/7/6658/6658.pdf. Acesso em: 14 out. 2020.

GOMES, Angela de Castro. Nas Malhas do Feitiço: o Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2069/1208>. Acesso em: 9 nov. 2020.

GRECCO, Gabriela de Lima. Redes de poder durante el "Estado Novo" brasileño: los intelectuales autoritarios y la constelación Capanema. *Revista Páginas*, Rosário, v. 7, n. 15, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revis-tapaginas.unr.edu.ar/index.php/RevPaginas/article/view/169>. Acesso em: 12 jun. 2021.

HÉGÉLE, Silvia. Diário íntimo, ¿Una escritura del silencio? Laboratorio en feminino. *Revista Travessias*, Cascavel, v. 12, n. 1, p. 277-288, jan./abr. 2018.

IONTA, Marilda. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 312, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v19n1/a07v19n1.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, Registro e Arquivo. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania Regina de (org.). *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-221. Acesso em: 22 nov. 2020.

OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. "Ocupar-se para não preocupar-se": amizade, envelhecimento e escrita de si na epistolografia cascudiana. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, IS. I., v. 3, p. 565-577, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/download/5209/pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. *Correspondência Modernista e Regionalista de Luís da Câmara Cascudo (1922-1984)*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. et al. Entre os artistas amigos o momento bom de ternura é o aparecimento de obra nova: O exercício da crítica literária na correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade (1924-1928). *Revista Maracanan*, IS. I., v. 0, p. 88-102, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/download/28475/21176>. Acesso em: 9 nov. 2020.

RODRIGUES, Leandro Garcia. Escrevendo Cartas, Escrevendo a Vida – A Correspondência de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral. *DARANDINA revista eletrônica*, IS. I., v. 1, n. 2, p.1-15, 2010. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/artigo091.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2020.

SIRINELLI, Jean-François (2003). Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira

Doutor em História Social pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil. Pós-doutorado em História, Cultura e Sociedade na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em Campina Grande, PB, Brasil.

Maria Letícia Costa Vieira

Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande, PB, Brasil. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em Campina Grande, PB, Brasil. Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande, PB, Brasil.

Endereço para correspondência

Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira/ Maria
Leticia Costa Vieira

Universidade Federal de Campina Grande/ PPGH

R. Aprígio Veloso, 882, sala 105

Universitário, 58428-830

Campina Grande, PB, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá
Comunicação e submetidos para validação do(s)
autor(es) antes da publicação.*